

Terrorismo e o desejo de pertencer

EXCLUSIVO

TERROR

A CONEXÃO BRASILEIRA

É a matéria de capa da revista *Época* de 22 de outubro de 2001.

Trata-se de uma manchete que ilustrem um certo ideal de pertencimento, registrado em boa parte da produção da mídia brasileira, em relação aos países avançados, especialmente, aos Estados Unidos.

Diferentemente da leitura de número 7, intitulada a *Dieta do brasileiro*, feita a partir de uma matéria publicada na revista *Tudo*, em que identificamos essa vontade de pertencer, através da comparação dos hábitos alimentares dos brasileiros com países do primeiro mundo (estaríamos comendo demais e sem a devida qualidade), desta vez a nossa chance de pertencer aos problemas atuais dos Estados Unidos é através da conexão brasileira com o terror.

Enquanto o assunto publicado na *Tudo* não se expandiu, ocupando lugar central na agenda midiática, o tema da guerra tem ocupado todos os campos da mídia, até mesmo a publicidade, a exemplo do anúncio do motel *Decameron* que reedita um velho slogan: faça amor, não faça guerra. Esta expansão permite ampliar a vontade de pertencimento, que tem se evidenciado, por exemplo, nos casos de suspeita de contaminação por antraz.

Um certo pó branco tem sido assunto frequente na agenda midiática. Até o momento todas as suspeitas foram infundadas. Isto permite evidenciar uma resposta “criativa” da audiência aos apelos midiáticos, constituindo-se também numa modalidade de pertencimento capaz de

alimentar a inserção do tema nos meios de comunicação.

Em 30 de outubro foi a vez de Feira de Santana e Jacobina aparecerem com os casos de suspeita de contaminação por antraz, conforme noticiado pelo jornal *A Tarde*. Mas diante das “evidências” da presença do terror em nosso País, a onda de trotes através do antraz e o medo por ela provocado é um fator menos relevante.

A conexão brasileira com o terror situa o Brasil na raiz da questão, como insinua a revista *Época* ainda na sua capa: segredos de estado em Brasília, terror islâmico mantém bases logísticas no país. Abriga foragidos, falsifica documentos e operou centrais telefônicas antes de 11 de setembro.

O problema formulado desse modo leva a crer na existência de uma relação íntima e direta, “quase privilegiada”, entre o drama americano e as bases do terrorismo descobertas no Brasil. Talvez se procurássemos conexões menos óbvias, poderíamos descobrir muitas formas de medo associadas à violência real, por exemplo, na nossa vivência com o medo há um outro tipo de pó que tem contaminado a população e feito vítimas em todos os segmentos sociais: enquanto cuidamos das suspeitas de antraz, como tem sido noticiada a circulação de cocaína no Brasil? Infelizmente, não se tem notícia de trote envolvendo cocaína, a suspeita tem sido sempre confirmada, em outras palavras, o tráfico de cocaína é real, não é obra da imaginação.